

ANTÔNIO TORRADO

O adorável

HOMEM DAS NEVES

teatro para crianças



**editorial
CAMINHO**

Título: O Adorável Homem das Neves

Autor: António Torrado

Figurinos: Melo Frazão

**Revisão tipográfica: Secção de Revisão
da Editorial Caminho**

**© Editorial Caminho, SARL
Lisboa, 1984**

N.º de edição: 2/84

Tiragem: 3000 exemplares

Composição e impressão: Guide - Artes Gráficas, Lda.

Data de impressão: Fevereiro de 1984

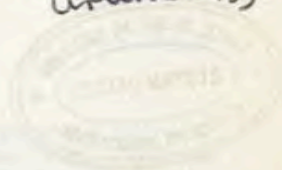
OLADORÁVEL
HOMEM DAS NEVES

António Torrado

O ADORÁVEL HOMEM DAS NEVES

mágica em 2-3 actos

ufw 01933



**editorial
CAMINHO**

Personagens

TIO CHAPELEIRO, figura truanesca, de ampla e clownesca calva e grande barriga. Tem, às vezes, exuberâncias de fantoche...

DECAS PERNA FINA, jovem empregado do bar do teatro. Aspecto frágil. Aparenta ser mais novo, tal como o Tintin...

IRENE, menina do bengaleiro do teatro.

BONECO DE NEVE ou **O ADORÁVEL HOMEM DAS NEVES**, de configuração tanto quanto possível idêntica à de um volumoso boneco de neve, de rosto-máscara redondo (não fala).

COMANDANTE DOS LEGIONARIOS, Graco Infolio, centurião romano.

GUERREIRO LUSITANO.

MULHER LUSITANA, de meia-idade.

VIRIATO, homem novo e vigoroso.

MAGICO ALCINO SINO SINO, vestido sem espectacularidade, o que deve contrastar com a cartola que usará.

Amplio sortimento de **GUERREIROS LUSITANOS** e **SOLDADOS ROMANOS**, estes, pedidos de empréstimo aos álbuns de Astérix...

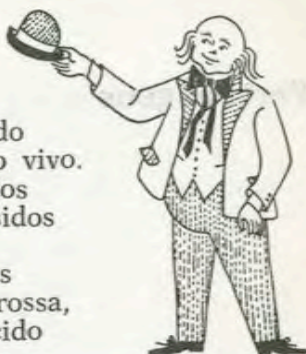
Algumas **MULHERES LUSITANAS**.

Figurinos

(Sugestões para um guarda-roupa de recurso)

TIO CHAPELEIRO

Casaco velho e largo, fantasiado com bandas de tecido colorido vivo. Calças com pequenos rectângulos de tecidos diversos, apenas cosidos na parte superior e soltos. Outra hipótese: casaco e calças com pespontos largos em lã grossa, de cor que contraste com o tecido do fato.



DECAS PERNA FINA

Colete de cor viva com botões de metal. Calças a contrastar.



IRENE

Vestido de cor lisa, com aplicações de fantasia na gola, punhos e cinto.

BONECO DE NEVE ou ADORÁVEL HOMEM DAS NEVES

Espuma de cor branca, montada sobre arcos de arame para dar à figura o aspecto arredondado e corpulento. No chapéu velho, ramitos de pinheiro.



**COMANDANTE
DOS LEGIONÁRIOS
(GRACO INFOLIO)
E SOLDADOS ROMANOS**

Capacetes e escudos feitos de pasta de papel ou aproveitando embalagens de cartão, depois pintadas e fantasiadas. Restos de espanadores e escovas de plástico para os capacetes. Meias de pano grosso e atadas para fingir as grevas.



**VIRIATO
E GUERREIROS LUSITANOS**

Tecidos grossos em fazenda de tons mesclados (cinza ou branco sujo). Para contrastar: golas e cintos castanhos, a fingir cabedal.



MÁGICO ALCINO SINO SINO

Cartola de cor viva de tecido de preferência brilhante, em contraste com a sobriedade do restante vestuário, de cor neutra.



1.º Acto

Em cena, um bengaleiro antigo, de espaldar alto, com bastantes espeques para pendurar chapéus (mas sem nenhum chapéu pendurado). No lugar das bengalas, algumas bengalas e chapéus-de-chuva fechados.

Não muito longe do bengaleiro e relativamente perto dos bastidores, um baloiço, disposto obliquamente em relação à boca de cena.

O baloiço baloiça sozinho.

Restante espaço do palco neutro, mas predisposto para vários planos de acção.

Envolvimento musical, enquanto a cena não é habitada.

Entra em cena o TIO CHAPELEIRO, carregando um enorme cacho de caixas de chapéu. Desembaraça-se das caixas, com dificuldade e atrapalhação, enquanto o envolvimento musical da cena aberta gradualmente se esbate.

TIO CHAPELEIRO: Ora bem. (*Larga as últimas caixas.*) O mais difícil é começar... E se eu estou atrapalhado! Nunca me senti tão atrapalhado na minha

vida. (*Encandeado pelos projectores.*) Cheguem para lá essa luz, que me está a incomodar. (*O foco desvia-se.*) Assim está melhor. (*Tropeça nas caixas.*) Não, afinal não está, que fico às escuras. Anda cá, se fazes favor. (*O foco volta a encandeá-lo.*) Irra! Vocês não sabem pôr os faróis nos mínimos. (*Irritado e ameaçador:*) Brrrrr! (*O foco foge-lhe, joga às escondidas com ele.*) O TIO CHAPELEIRO, tropeçando, quase de gatas, tenta apanhá-lo, mas, quando entra no círculo de luz, desespera-se.) Ó coisa, ó luz, não me deixes ficar sozinho... Anda cá... Tanto não! Lá me fugiste outra vez. Deixa-te de fintas. Apanhei-te. Baixa isso... Mas para onde vais? Não te ofendas. (*Aparte:*) Esta luz é muito escanifobética. Uma nervosa! Ó luz, ó coisa, pára com a brincadeira. Assim nunca mais começo o espectáculo. E se não começo — trru, está fechado! — acaba tudo aqui. Ora tu não queres que te cortem a corrente, pois não? (*O círculo de luz aproxima-se, docilmente.*) Chega-te mais, mais... Isso... Isso... Anda mais para ao pé de mim. (*O círculo de luz foca-o.*) Chega! Brrrrrr! Não haverá por aí um abat-jour para esta luz? A modos que um chapéu-de-sol, que lhe cortasse a genica. Uma luz mais quebrada, mais mansinha. (*Suspira.*) A não ser que... (*Dirige-se para o bengaleiro, procura entre as bengalas um chapéu-de-sol e tira-o do bengaleiro.*) A não ser que... (*Abre o chapéu — um chapéu-de-sol colorido com uns enormes óculos escuros pintados na lona — e empunha-o, desafiando o foco de luz, que imediatamente abrande de intensidade.*) Um chapéu de respeito, não haja dúvida. (*Deixa o chapéu aberto junto ao bengaleiro e prossegue.*) Pois era mesmo de chapéus que eu vos queria falar. Há dias, um senhor telefonou-me, todo gentilezas...

VOZ (*off*): Preciso lá no teatro da sua espantosa, da sua magnífica colecção.

TIO CHAPELEIRO (*mimando o telefonema*): A minha colecção de selos? (*Aparte.*) É que eu tenho uma bela colecção de selos...

VOZ (*off*): Nada disso. Do que eu preciso é da sua colecção de chapéus.

TIO CHAPELEIRO (*aparte*): É que eu tenho uma bela colecção de chapéus. (*Para o presumível telefone:*) Oiça lá, ó cavalheiro: e por que é que em vez de ir eu ao teatro não vem o teatro a minha casa? Sim, porque a minha colecção manda peso. Não se transporta com facilidade. É quase um museu...

VOZ (*off*): Por isso mesmo. A sua colecção convém-me porque é importante. Não o convidava, se não soubesse que era das melhores colecções do mundo, uma colecção que tem de ser apresentada ao público com todas as honras que merece. E o meu amigo vai fazer um vistão.

TIO CHAPELEIRO (*envaidecido*): Realmente, não é para me gabar... (*Poisando o presumível telefone.*) Enfim. Convenceu-me. E aqui estou para apresentar a minha escanifobética colecção de chapéus escanifobéticos. (*Vai destapando as chapeleiras. Por cada chapéu que apresenta mima o correspondente tipo e depois pendura o chapéu no bengaleiro. Cantarolando:*)

Se há quem colecciona postais
caricas e cinzeiros,
eu colecciono
chapéus de mosqueteiros.

Se há quem colecciona borboletas
ou baratas — horrível bicharoco! —
eu colecciono
chapéus de coco.

Se há quem colecciona abanicos,
leques e abanos,
eu colecciono
chapéus de mexicanos.

*Sombrero demasiadamente grande que lhe tapa
a cara, obrigando-o a andar como que às
escuras.*

Se há quem colecciona cornetas
violinos e tambores,
eu colecciono
chapéus às flores.

Sou coleccionador celebrado
e caçador afamado.

Ando à caça de chapéus,
corro o mundo lado a lado
cima, a baixo
cabo a rabo

dos fundilhos ao telhado,
dos Armazéns do Chiado
ao pico dos Pirenéus.

E seja Fulano ou Beltrano
Salomão ou Zebedeu

Machado, Silva, Ulpiano,
more em Paris ou Viana,
em Pequim ou em Viseu,
seja chinês ou romano

uropeu ou africano
esquimó ou indiano

árabe, turco ou judeu

— nem que seja marciano! —

seja quem for

eu reclamo:

se usa chapéu — é meu.

Foi, entretanto, tirando das respectivas caixas vários chapéus exóticos: fez turco, gorro de pele, capacete colonial, capacete alemão da Primeira Guerra Mundial, quépi militar, barrete de lama do Tibete, etc.

Cada chapéu é um troféu,
é um troféu no meu museu.
Cada troféu é um chapéu
é um chapéu no meu museu.
Cada troféu, cada chapéu
cada chapéu, cada troféu
cada chapéu... é meu!

Pega num chapéu de palha madeirense e lança-o, como um boomerang — o chapéu descreve uma curva sobre a plateia e regressa. Fácil de conseguir, se o chapéu estiver preso a um fio de nylon.

Este é um ioiô especial. Um vai-e-vai espacial em forma de chapéu. (*Lança-o segunda vez, apanha-o e pendura-o.*) Mas há mais. Este, por exemplo. (*Mostra uma cartola.*) Quem me deu foi o Mágico Alcino Sino Sino (*tocam sinos em carrilhão de agudos*), o inventor dos pós de perlimpimpim. Quando se reformou da profissão de mágico — ele agora tem um aviário de papagaios ou uma escola de ventríloquos (*imita*) ou uma escola de fantoches... uma coisa assim... — mas quando se reformou, ofereceu-me esta cartola. Muito útil! A gente sopra-lhe umas palavrinhas escanifobéticas e salta lá de dentro o que a gente quer. O que há-de ser? Uma pomba, pois, uma pomba, uma linda pomba branca, a voar. (*Sinos.*) Una, duna, trena, catrena, cigalha, migalha, catrapis, catrapés, conta bem até dez: um, dois,

três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove e dez. (*Mete a mão na cartola e salta um coelho.*) Esta cartola não anda boa. Tenho de mandá-la arranjar. (*Espreita para dentro, encolhe os ombros e pendura-a.*) Bom. A minha colecção está à vista. Viram, não viram? Pois então, digam-lhe adeus. (*Começa a meter os chapéus nas caixas.*) O tal sujeito ao telefone, quando eu lhe perguntei para o que é que queria tantos chapéus no teatro, respondeu-me: «Depois verá. Apresente os seus chapéus, que depois verá.» Depois verá... Depois verá... Como não se passou nada, vou à vida. E ninguém me pode acusar de não ter sido cumpridor. Depois verá... Depois verá...

DECAS (*vindo da coxia da plateia*): Tio Chapeleiro, Tio Chapeleiro, espere aí!

TIO CHAPELEIRO: Quem me chama?

DECAS (*ainda na plateia*): Espere, Tio Chapeleiro. Não acelere...

TIO CHAPELEIRO: Não acelere, o quê? (*Aproxima-se da boca de cena e quase cai para o fosso da orquestra.*) Quem me chama? (*Com as mãos em pala:*) Um pouco mais de luz, façam favor. (*Vai ao bengaleiro e fecha o chapéu-de-sol. Intensifica-se a luz do palco.*) Quem vem lá? (*Enfiando na cabeça o quépi militar:*) Identifique-se. O nome, a idade, a nacionalidade.

DECAS (*junto ao palco*): Sou o Decas.

TIO CHAPELEIRO: Decas é nome de gato.

Salta um jovem magro para o palco.

DECAS: Sou o Decas Perna Fina.

TIO CHAPELEIRO: Decas Parafina é nome de remédio.

DECAS: Perna Fina... Decas Perna Fina é nome de gente. Perna Fina porque sou magrinho. Decas porque

sou André, mas aqui, no teatro, todos me tratam por Decas. Parece que custa menos.

TIO CHAPELEIRO (*mirando-o de todos os ângulos, marcial e superior*): Ao que vem?

TIO CHAPELEIRO põe o quépi militar na cabeça do rapaz, que, acto contínuo, se perfila.

DECAS: Apresenta-se o ajudante do bar deste teatro, Decas Perna Fina.

TIO CHAPELEIRO tira-lhe o quépi e põe-o em si próprio. Faz a continência.

TIO CHAPELEIRO: Está apresentado. Prossiga.

Devolve-lhe o quépi e o rapaz, perfilado, toma a palavra.

DECAS: Telefonaram a dizer que viesse informar o Senhor Comandante Tio Chapeleiro (*hesitação*), o Senhor Tio Comandante Chapeleiro (*hesitação*), o Tio Senhor Chapeleiro Comandante... (*O TIO CHAPELEIRO tira-lhe o quépi da cabeça e o rapaz, em tom natural:*) o Tio Chapeleiro (*o TIO CHAPELEIRO volta a pôr-lhe o quépi na cabeça*)... para que se conservasse neste teatro, aguardando novas ordens.

TIO CHAPELEIRO (*tirando-lhe definitivamente o quépi*): Novas ordens? Mas eu sou algum pau-mandado?

DECAS (*descontraído*): Eu isso já não sei. Ena tanto chapéu! São para vender? (*Vai tocar-lhes.*)

TIO CHAPELEIRO: Está quieto, rapaz, que isto não é nenhum mercado da fruta. Para mexeres nestes chapéus precisas primeiro de calçar umas luvas.

DECAS: Mas você não as traz calçadas...